

“ESCREVER É DESPEDIR-SE”: O PONTO DE ENCONTRO ENTRE NIETZSCHE E DERRIDA

CADAVAL, Guilherme. **Escrever a mágoa**: um cruzamento entre Nietzsche e Derrida. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. 260p.

Gabriel Barroso Vertulli*

O que o filósofo faz ao *escrever* filosofia? Ou, ainda, o ato de escrever ao/para filosofar faz do filósofo um escritor? Essas são algumas das questões que de alguma maneira nos saltam à vista a partir da leitura do livro de Guilherme Cadaval intitulado *Escrever a mágoa*: um cruzamento entre Nietzsche e Derrida. Apesar de se apoiar nos dois filósofos que marcam presença em seu subtítulo, o autor de forma alguma se limita a apresentar uma análise das suas obras e a apontar uma eventual conformidade entre ambos – o que ele faz na verdade é, a partir deles, refletir sobre o estatuto da escrita filosófica.

O livro, resultado da tese de doutorado de Cadaval, foi publicado em dezembro de 2019 pela Paco Editorial e é dividido em duas partes e um interlúdio. De forma resumida, na primeira parte nos deparamos com um comentário sobre o texto do jovem Friedrich Nietzsche intitulado “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”; de certa maneira, esse pequeno ensaio do filósofo alemão dá o tom do que se seguirá dali em diante. Contudo, não se pode afirmar que o texto de Nietzsche opere como uma espécie de guia para Cadaval; longe disso, o que sucede na verdade é que o seu livro se desdobra a partir desse primeiro passo que seria o texto nietzschiano. Dito de outra maneira, o primeiro passo de *Escrever a mágoa* é uma reflexão sobre os limites da linguagem como representação ou, em outras palavras, uma crítica ao entendimento da linguagem como uma simples ferramenta neutra capaz de descrever a realidade.

No interlúdio, nos deparamos com um Derrida leitor de Nietzsche. Depois de colocado o problema da linguagem como representação, Guilherme Cadaval avança uma casa para lidar com reflexões que invariavelmente surgem para todos aqueles que aceitam levar o nietzschianismo às últimas consequências. Uma dessas questões poderia ser formulada da seguinte maneira: a falta de sentido último dos textos seria o sentido último de qualquer

* Professor substituto de Teoria da História da UFRJ. Doutorando em História pela PUC-Rio e mestre em História e pela mesma instituição. Graduado em História e em Filosofia pela UFRJ. E-mail: gabrielvertulli@gmail.com.

texto? Cadaval não nos apresenta a questão exatamente nesses termos, mas ele se mostra consciente dessa problemática e de como ela, no fim das contas, apresenta um problema para si mesma – afinal, o diagnóstico da falta de um sentido originário não pode ser a sua própria solução. O ponto fundamental é que um texto não se esgota na percepção de que ele está sempre aberto a uma nova interpretação – e, por outro lado, por mais que a “intenção” de um autor também não consuma por inteiro o sentido de um texto (dada essa característica de abertura da própria escritura), isso também não quer dizer que qualquer interpretação seja possível. Basta lembrar que até mesmo Derrida (1991, p. 33) nos advertiu de que “a categoria de intenção não desaparecerá, terá seu lugar, mas, a partir desse lugar, ela não poderá mais comandar toda a cena e todo o sistema de enunciação”. Em suma, toda leitura, como Cadaval nos diz, é um “ato violento”, mas isso não quer dizer que toda leitura é uma má leitura que apenas desvirtua um sentido primeiro – na verdade, isso quer dizer simplesmente que mesmo a instituição de um “sentido primeiro” passa pela violência de uma leitura. Ao fim e ao cabo, esse ato violento é a condição de possibilidade da própria constituição de sentido: “pois a violência é a cada vez a ‘origem’ mesma do sentido” (CADAVAL, 2019, p. 107).

Na segunda parte do livro, dividida em dez seções, Cadaval trata de temas diversos que vão da *Genealogia da moral* de Nietzsche à *Gramatologia* de Derrida. Não obstante, podemos dizer que essa última parte como um todo gira em torno da noção de *mágoa*, que é a noção escolhida por ele para lançar luz sobre o problema da escrita filosófica. Mais do que na primeira parte e do que no interlúdio, nesse último momento do seu livro os textos citados e trabalhados se misturam com a sua própria prosa e, nesse sentido, torna-se um pouco mais claro como a sua escrita visa deixar falar o próprio ato de escrever. Seguindo um estilo clariciano, em que os textos não escondem a aflição do seu próprio desenrolar, Cadaval acaba por nos desvelar tanto um Derrida nietzschiano, quanto uma espécie de Nietzsche derridiano (com o perdão do anacronismo para este último). Nesse embaralhar da escrita, em que nos deparamos com a famosa afirmação de que não existiria o “fora-de-texto” (“*Il n’y a pas de hors-texte*”), acompanhamos da primeira fila a dinâmica da mágoa.

Todavia, cabe agora perguntar, como a noção de mágoa auxiliaria no entendimento do “cruzamento entre Nietzsche e Derrida” e, acima de tudo, lançaria luz sobre o problema do estatuto da escrita filosófica? Para tratar do assunto, atentemos para uma famosa passagem de *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*:

O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, traspostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas. (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

Essa famosa passagem do ensaio de Nietzsche é lançada por Cadaval com o intuito de não nos deixar esquecer que estamos no registro discursivo – ou seja, estamos na ordem do texto, e a verdade e a mentira se restringem a esse domínio. Muito já foi debatido sobre esse trecho, como, por exemplo, sobre os seus acentos nominalistas e sobre a concepção de verdade que ele nos apresenta. Não obstante, essa passagem se mostra cara para o nosso autor pois ela evidencia que é problemático falarmos “de verdade e mentira como se se tratasse de coisas que estivéssemos a manusear”:

e que, por isso, quase naturalmente viessem a produzir nosso discurso. Como se, sem perceber, saltássemos da “folha de papel” para o “mundo empírico”, ali onde a linguagem simula uma proximidade tal que o espaço entre a “representação” e o “representado” facilmente se apaga. É preciso, enfim, ter o cuidado de não esquecer o texto. (CADAVAL, 2019, p. 43).

A regra fundamental seria, então, jamais esquecer que estamos lendo e escrevendo *textos*. A tarefa seria evidenciar que não podemos simplesmente negligenciar que o que vem à tona o vem a partir dos *textos*. A partir dessa perspectiva, o problema identificado por Cadaval (p. 55) é justamente que “o desejo último da verdade talvez seja o de deixar que a linguagem apague a si mesma” – ou seja, a verdade do texto visa apagar o próprio texto para ser mais “verdadeira”. Portanto, para burlar essa regra milenar que perpassaria por grande parte da história dos discursos filosóficos do Ocidente, seria preciso deixar a linguagem falar – seria preciso, muito mais do que assimilar que a linguagem não é neutra, entender que ela mesma produz significado para além (ou aquém) do sentido intencional daquele que a escreve ou a profere. O que Cadaval (p. 193) parece querer nos mostrar é: em primeiro lugar, que sempre que “trabalhamos um texto; trabalhamos, no texto, a sua própria desaparecimento, negociando a cada passo o seu apagamento”, e, em segundo, que ele mesmo, enquanto autor, visa subverter essa regra e busca deixar o seu próprio texto falar: isso significaria *escrever a mágoa*.

De certa maneira, o empreendimento de Cadaval é muito similar ao que Heidegger buscou fazer no texto *O caminho para a linguagem*. Ambos se aventuraram na empreitada de

“trazer a linguagem como linguagem para a linguagem” (HEIDEGGER, 2012, p. 192). Grosso modo, ambos partiram do pressuposto dos limites da linguagem como representação e buscaram fazer a linguagem falar a si mesma, isto é, eles buscaram driblar o apagamento de si característico de toda linguagem que se almeja como a verdade última para, dessa forma, poderem habitar o limiar do discurso. Eles buscaram pensar a linguagem a partir dela própria, tendo consciência do constrangimento que essa investigação promove: afinal, como fazer a linguagem falar a partir da linguagem? Essa tentativa de permanecer no limite que faz parte do ato mesmo de ler e escrever – isto é, permanecer no limite entre a criação de sentido pelo texto e o apagamento de si desse próprio texto como o que legitima a sua própria criação de sentido – é o que Cadaval chama de mágoa. A sua tarefa então é equilibrar-se na fronteira entre o dizer algo e ouvir o que esse dizer disse. Expor essa dinâmica da mágoa é, invariavelmente, magoar-se a si mesmo.

No entanto, assim como todo leitor atento de Nietzsche, Cadaval se mantém desconfiado não apenas quanto ao resultado da sua investigação: ele olha com desconfiança para o seu próprio ato de investigar. Ou seja, ao adentrar o mundo da escrita, ele coloca a si mesmo em xeque ao questionar o seu próprio ato de escrever. Em última instância, é como se o seu texto experimentasse os diversos caminhos que vêm à tona pelo processo de escrita e, nesse trilhar, não deixasse de indagar sobre cada passo dado. Não se trata – é bom frisar aqui para não deixar nenhuma dúvida – de um indagar cartesiano, pois não há um *cogito* que operaria como um último refúgio de segurança. Nesse sentido, trata-se de um indagar mais radical, dado que não encontramos nenhum porto seguro que poderia amenizar a angústia de andar à deriva pela escritura. Ademais, Cadaval não visa dar uma solução para um problema, ele nos passa a sensação de estar experimentando e, de forma concomitante, reagindo ao seu próprio ato de escrever. Ele busca, usando aqui os seus termos, “habitar a hesitação” (p. 117) e fazer dela uma possibilidade de criar sentido:

o texto não é como uma câmara hermeticamente fechada, ele se oferece, está sempre aberto a uma leitura, e o que se produzirá para além do liame de sua intenção própria não pode ser controlado – de maneira que se trata de fazer com que esta falta de “controle” se torne ela mesma produtora de sentido. (CADAVAL, 2019, p. 22).

Quer dizer, Cadaval se coloca em seu livro como ator e espectador de sua própria arte, de sua própria escritura, e é na *hesitação* que ele escreve e, ao mesmo tempo, procura deixar também a linguagem se escrever. Talvez, mais do que a mágoa, a *hesitação* seja propriamente

a principal marca do seu texto – e, que fique claro, longe de ser uma fraqueza, essa é uma das partes mais instigantes do seu trabalho.

Em breve síntese, nessa dinâmica de estar jogando e reagindo conscientemente ao ato de escrever – nesse “habitar a hesitação” – Cadaval lança mão da noção de “mágoa”. Esta noção não visa elucidar, ela visa jogar com a possibilidade de adentrar as frestas dos textos. A mágoa pode ser entendida como a percepção de que um texto sempre dirá mais, ou menos, do que um autor teve a intenção de dizer. Ela é o equilibrar-se na aporia de que buscamos o sentido último do texto mas, ao mesmo tempo, temos consciência de que alcançaremos apenas o sentido que nos é possível apreender pela nossa própria leitura. Ela é aquilo que a linguagem esconde ao mesmo tempo em que disponibiliza. Sendo assim, é nesse jogo de “esconde-esconde” – nesse andar na corda bamba – que nos magoamos. O magoar é o imprimir uma marca, nomear com o intuito de apreender e, nesse mesmo movimento, deixar escapar pelos dedos aquilo mesmo que por um instante se pensou demarcar. Em última análise, a mágoa seria também o ponto de encontro entre Nietzsche e Derrida, pois é em seu terreno que é possível encontrar os dois dialogando, interpretando e lendo um ao outro.

Por fim, se “escrever é despedir-se”, como nos diz Cadaval em sua conclusão, então é nesse despedir que nos magoamos. A mágoa está nesse incessante movimento que envolve toda escrita que é, em última instância, chegar e partir, reconhecer e perder de vista, ou, ainda, sentir-se em casa por um rápido instante para, logo em seguida, ter de ir embora.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc.**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1991.

HEIDEGGER, Martin. O caminho para a linguagem. *In: A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012, p. 191-216.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.